

Mônada e substância em Leibniz

Monad and substance in Leibniz

Ezequiel Barros Barbosa de Jesus¹

Resumo: este trabalho desenvolve os conceitos de mônada e substância dentro da filosofia leibniziana, de modo a estabelecer uma relação entre os dois conceitos. Para tanto, objetiva-se analisar a substancialidade da substância da realidade levantando como problemática a pergunta pela constituição da mônada, que Leibniz concebe como princípio substancial indivisível que fundamenta todo universo. O trabalho tem como base a obra *Monadologia*, mas será acompanhado de outras leituras quando necessário. Primeiro será realizada uma investigação histórica da introdução do termo no pensamento de Leibniz e, a seguir, será desenvolvida uma descrição da natureza da mônada enquanto substância simples e átomo formal, que é trabalhada pontualmente na *Monadologia*, depois, serão examinadas as qualidades das mônadas e a noção de força primitiva, para, por fim, apresentar a questão da comunicação intermonadológica como problema derivado da própria estrutura da mônada.

Palavras-chave: Leibniz. Mônada. Unidade. Substância. Átomo Formal.

Abstract: the paper develops a critical reflection and an historical reconstruction of the concepts of monad and substance within Leibnizian philosophy, in order to establish a relationship between these two concepts. For, the paper aims to analyze the substanciality of the substance of reality, posing as problematic the question about the constitution of the monad, which Leibniz conceives as an indivisible substantial principle that underlies the entire universe. The work is based on the *Monadology*, but will be accompanied by other readings when necessary. First, a historical investigation of the introduction of the term in Leibniz's thought will be carried out, and then, a description of the nature of the monad as a simple substance and formal atom will be developed, which is worked out occasionally in *Monadology*, then, the qualities of the monads and the notion of primitive force, to finally to introduce the issue of intermonadological communication as a problem derived from the monad structure itself.

Key-words: Leibniz. Monad. Unity. Substance. Formal atom.

* * *

Introdução

Leibniz inicia a *Monadologia*, obra de 1714, apresentando uma definição do conceito de mônada. No decorrer de seu texto, ele não apenas realiza uma descrição conceitual, como também desenvolve questões que lhe são inerentes. No entanto, a intenção do filósofo não parece ser a de simplesmente apresentar um conceito filosófico

¹ E-mail: ezequielbarrosbarbosa@gmail.com. Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Titulação: Mestrando. Agência de Fomento / Financiamento: PUCPR, O presente trabalho foi o TCC apresentado como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciatura em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Assim, contou com a orientação do Prof. Dr. Federico Ferraguto.

em sua forma acabada, mas sim usá-lo para mediar uma reflexão a respeito da questão do fundamento da realidade. A importância do uso da noção de mônada como condição da compreensão dos fundamentos de determinado fenômeno, com efeito, justifica sua recepção e desenvolvimento ainda na contemporaneidade².

O sistema das mônadas leibnizianas apresenta a possibilidade de explicação da totalidade de um universo que é harmônico em suas partes. Esta noção de um universo tomado em sua plena uniformidade exige de Leibniz um princípio de unificação. Neste sentido, este trabalho defende que a unificação do universo em Leibniz só se torna possível por meio da noção de mônada concebida enquanto unidade substancial indivisível que por sua própria natureza ordena o universo de forma coesa. Dito isto, é posto como objetivo analisar a questão da substancialidade da substância dentro do pensamento de Leibniz. Se a substância da realidade é a mônada, a pergunta pela substancialidade da mônada equivale necessariamente a investigar qual o seu estatuto constituinte. Para uma compreensão desta questão, primeiro será realizada uma investigação histórica da introdução do termo no pensamento de Leibniz e, a seguir, será desenvolvida uma descrição da natureza da mônada enquanto substância simples e átomo formal, que é trabalhada pontualmente na *Monadologia*, depois, serão examinadas as qualidades das mônadas e a noção de força primitiva, para, por fim, analisar a questão da comunicação intermonadológica como problema derivado da própria estrutura da mônada.

Da substância à mônada

O sistema leibniziano³ se localiza em um contexto filosófico de intensas aporias. Entre uma visão de mundo holística e vitalista derivada da Renascença e uma visão tipicamente moderna de um materialismo atomístico e mecanicista, Leibniz desenvolve

² Sobre a recepção e o desenvolvimento da monadologia leibniziana na contemporaneidade, cf. Poser (2017). Poser apresenta três novas monadologias: (I) mônada como um fluxo de consciência na metafísica de U. Meixner; (II) mônada não como substância, mas como processo na teoria processual de N. Rescher; (III) mônada e reconciliação do mundo material macroscópico com um mundo teórico quântico da consciência na monadologia quântica de T. Nakagomi.

³ Como ressalva Ross (2001, p. 84), mesmo Leibniz gostando de se referir à sua própria filosofia como sistema filosófico, é difícil definir se ele realmente tinha a intenção de indicar o caráter sistemático de sua metafísica ou se referia à sistema no sentido de teoria, ou seja, se seu objetivo era o de indicar sua estrutura ou apenas empregar o termo em seu uso ordinário. Para uma leitura sobre a questão do uso do conceito de sistema em Leibniz, cf. Russell (1971). Em sua obra, Russell defende o caráter sistemático da filosofia de Leibniz a partir da análise dos textos não publicados pelo filósofo.

sua filosofia à luz da proposta de estabelecer um elo entre a tradição filosófica e o pensamento de seu tempo (ROSS, 2001, p. 10).

Como grande parte dos intelectuais modernos, o filósofo de Hannover também desenvolveu seu pensamento com a intenção de estabelecer um diálogo direto com o conhecimento científico de sua época, sobretudo buscando realizar um acordo entre metafísica e ciência, isto por meio da construção da imagem de um universo harmônico (DILTHEY, 1947, p. 37). Neste sentido, pode-se afirmar que a filosofia de Leibniz não deve ser entendida como harmônica apenas em virtude de sua célebre hipótese do “sistema da harmonia pré-estabelecida”, mas também pelo fato de realizar um verdadeiro diálogo entre filosofias opostas⁴ e possibilitar um entendimento mais amplo do universo como um todo (ROSS, 2001, p. 83).

O objetivo de apresentar uma noção completa da realidade, de maneira tal que esta apresentação envolva tanto as partes do real como o todo destas partes, exigiu de Leibniz o estatuto de uma filosofia rigorosa⁵, que necessariamente demanda uma exposição dos primeiros princípios que fundamentam o universo. Sua busca se tornou, por conseguinte, uma busca pela substância da realidade. Por meio desta tarefa, Leibniz acreditava ser capaz de apresentar as verdades fundamentais ou o princípio primeiro que bastasse por si mesmo para chegar a um conhecimento conclusivo e correto acerca do mundo (COELHO, 1969, p. 66).

A análise e a descrição da substância se tornou, então, o trabalho mais primordial de Leibniz. É de tamanha importância que o conceito de substância (individual) ganhou uma posição central no *Discurso de Metafísica* (1686). Após sua morte (1716), no entanto, não foi em termos de uma *ousiologia* que seu pensamento ficou conhecido. É muito mais comum atualmente definir a filosofia de Leibniz como um “sistema das mônadas”, isto é, identificá-la como uma monadologia. Foi no conceito de mônada que o filósofo de Hannover encontrou aquilo que procurava: um princípio válido não apenas para unir filosofias distintas, mas também para obter o fundamento da constituição do universo. O que chama atenção, porém, é que mesmo contendo

⁴ Este diálogo entre filosofias opostas faz menção aos pontos de divergências entre escolásticos e modernos, cartesianos e atomistas, mecanicista e vitalistas, fenomenistas e realistas. Para uma leitura acerca desta questão, cf. Ross (2001).

⁵ Antônio Borges Coelho (1969, p. 72) defende que na modernidade é justamente Leibniz que efetivamente lança as bases para uma ciência de rigor, o que posteriormente seria retomado e desenvolvido no século XX pela filosofia transcendental de Edmund Husserl.

demasiada importância, nem sempre o conceito se fez presente nos escritos do filósofo. No *Discurso de Metafísica*, como também nas obras que precedem esta, por exemplo, em momento algum Leibniz utiliza o termo mônada. O *Discurso de Metafísica* propriamente dito se desenvolve a partir do conceito de substância individual, que Leibniz define em termos lógicos e ontológicos. Em síntese, substância individual apresenta uma relação de inerência entre o sujeito e seu predicado (*praedicatum inest subjecto*), o que significa que na noção completa de um ser há uma determinação de seus predicados possíveis (FICHANT, 2000, p. 15).

Nos textos que precedem o aparecimento do conceito de mônada, Leibniz faz um largo uso do conceito de substância. No entanto, após a introdução daquele o filósofo vai utilizar este como forma de explicação, o que pode ser visto no início da *Monadologia* (1714), cerca de vinte e oito anos depois do *Discurso de Metafísica* desenvolver a noção de substância simples, quando a substância é empregada em sentido de simplicidade para explicar justamente em que consiste uma mônada⁶.

A primeira aparição do conceito de mônada só ocorre, de fato, em 13 de setembro de 1696 em uma carta destinada a Miguel Fardella (CAREIL, 1875, p. 326)⁷. Nos textos publicados⁸ pelo próprio filósofo, de acordo com Fichant (2000, p. 15), o termo aparece poucas vezes e é pouco difundido. Este cenário, no entanto, muda completamente após 1720 com a publicação póstuma da tradução alemã da *Monadologia*, onde o sistema leibniziano passaria então a se configurar como um

⁶ Michel Fichant se propõe a investigar se a inserção do conceito mônada na filosofia leibniziana se trata de apenas uma mudança terminológica ou se houve uma variação relevante em seu sistema. Para Fichant (2000, p. 13), mônada e substância individual são conceitos que semanticamente indicam coisas diferentes, concepção esta que, segundo ele, está em desacordo com o pensamento de Louis Couturat e Brentand Russell, que interpretaram a *Monadologia* a partir da estrutura lógica do conceito de “substância individual” presente no *Discurso de Metafísica*. Segundo Fichant (2000, p. 25), as motivações filosóficas de Leibniz no *Discurso de Metafísica* são diferentes das da *Monadologia*. Enquanto na primeira obra o filósofo se preocupa em estabelecer uma relação lógica entre substância individual e seus predicados; na segunda, o grande problema de Leibniz é estabelecer uma relação entre unidade e multiplicidade, isto é, pensar o universo e a realidade reunindo o todo e suas partes, o que só se torna possível por meio do conceito de mônada ou substância simples. Como o objetivo desta pesquisa não é o de contrapor os conceitos de substância individual e substância simples, confrontando o *Discurso de Metafísica* com a *Monadologia*, não será aprofundada aqui esta questão.

⁷ O conteúdo da carta diz o seguinte: “o essencial da questão me parece consistir na verdadeira noção da substância, que é a mesma que a noção de mônada, ou de uma unidade real e por assim dizer de um átomo formal, ou de um ponto essencial – pois não pode haver [átomo] material, daí por que se procura em vão a unidade na matéria; e o ponto matemático não é essencial, mas modal, daí por que o contínuo não é constituído de pontos e, no entanto, tudo o que é substancial decorre das unidades”.

⁸ *De Ipsa Natura* (1698); *Teodiceia* (1710); *Carta a des Maizeaux* (1716) e *Réponse aux réflexions contenues dans la seconde Edition du Dictionnaire Critique de M. Bayle* (1716).

sistema monadológico propriamente dito e alcançaria certa notoriedade no contexto filosófico da época.

O objetivo realizado até aqui foi o de apresentar a determinação cronológica do aparecimento do termo substância ao longo do pensamento e dos escritos de Leibniz. Porém, falta identificar o significado deste termo. Na visão de Martin Heidegger (1996, p. 203), o grande problema metafísico de Leibniz é responder a pergunta pela substancialidade da substância⁹. E deste modo, a elucidação da definição da mônada outra coisa não é senão realizar a busca pela compreensão desta substancialidade. Do primeiro problema, logo surge, conseqüentemente, um segundo a ser definido: o que é uma mônada?

Substância simples e átomo formal

O conceito de mônada não é uma criação exclusiva da filosofia de Leibniz. O historiador Brucker (1742-44, p. 402) afirma que a ideia de mônada concebida enquanto unidade substancial se faz presente na filosofia desde a antiguidade com os pitagóricos e os platônicos. Nicolau de Cusa¹⁰ foi um dos primeiros autores a introduzir o conceito no pensamento moderno, utilizado pelo filósofo para indicar o elemento mínimo vital que constitui toda a realidade. Giordano Bruno¹¹ também desenvolveu a ideia de mônada, porém, para mediar uma relação entre matemática, essência e realidade. Não obstante, foi a filosofia de Leibniz que ganhou demasiado reconhecimento como a máxima expressão de um sistema monadológico na modernidade (COELHO, 1969, p. 138).

Terminologicamente o conceito mônada deriva da palavra grega *monas* (μονάς), que significa unidade ou aquilo que é um (LEIBNIZ, 2016, p. 113). Para além do seu sentido literal, no léxico leibniziano, o termo é apresentado sim como unidade, mas também é articulado em um sentido que extrapola sua mera literalidade. Na *Monadologia*, no §1, é apresentada uma definição inicial, Leibniz (p. 39, 2016) diz que:

⁹ Em seu texto *A Determinação do Ser do Ente Segundo Leibniz* (com o título original *Aus der letzten Marburger Vorlesung*), primeiramente desenvolvido em forma de preleção durante o semestre de verão de 1928, Heidegger faz uma leitura da filosofia leibniziana a partir da noção de força primitiva (*force primitive*) ou, para utilizar o conceito proposto pelo autor, pulsão (*Drang*). Heidegger (1996) apresenta que a substância em Leibniz é caracterizada pela palavra grega *monas* (mônada), que é o elemento unificador simplesmente originário cuja substancialidade é ser uma pulsão ou força originária.

¹⁰ Cusa desenvolve a noção de mônada em seu texto *De Docta Ignorantia*.

¹¹ Bruno desenvolve o conceito de mônada nos textos *De Triplici Minimo* e *De monade, numero et figura*.

“a mônada de que vamos falar aqui não é outra coisa senão uma substância simples, que entra nos compostos; simples, quer dizer, sem partes”.

O filósofo de Hannover define o que é uma mônada por meio de dois outros importantes conceitos: substancialidade e simplicidade ¹². Deste modo, se faz mister analisar estes conceitos de forma separada, para depois, então, os unir e obter uma noção mais ampla do significado da mônada.

O termo substância (*ousia*) é utilizado para indicar uma estrutura necessária do ser, trata daquilo que lhe é inerente, que existe por necessidade. Leibniz está de acordo com esta definição, mas alerta para a necessidade de esclarecer o duplo sentido do conceito. O primeiro sentido é definido por Leibniz (1985, p. 24) como nominal. Dizer que a substância é expressa em termos nominais significa que ela atribui uma nomenclatura e identifica um sujeito que é o centro de vários predicados e jamais é o predicado de um outro sujeito. Em uma perspectiva nominal, o sujeito está ligado logicamente ao seu predicado, e vice-versa. Esta explicação, no entanto, não é suficiente para a compreensão total do conceito de substância. Para captar o sentido completo do termo, Leibniz migra do âmbito nominalístico para fundar a noção de sujeito em sua própria natureza. É posto, então, seu segundo sentido.

Em uma perspectiva ontológica (e não apenas lógica), entende-se que a substância revela que uma predicação verdadeira tem seu fundamento na natureza das coisas, isto é, o predicado está contido *in-esse*. Dessa forma, na própria natureza do sujeito já estão contidos e encerrados todos seus os predicados possíveis (LEIBNIZ, 1985, p. 24). De acordo com Rovira (2005, p. 124), a substância no contexto leibniziano indica um *requisitum immediatum* do ser, um ingrediente essencial e uma condição necessária da constituição daquilo que é, o que significa que é impossível separar o ser de sua substância, pois esta indica aquilo que um sujeito é, e aquilo que jamais pode encontrar-se ausente em sua estrutura. Não significa apenas nominar um sujeito e estabelecer uma relação lógica entre seus predicados, mas também tipificar um traço essencial do sujeito encontrado em sua própria natureza.

¹² O conceito de substância aproxima a filosofia aristotélica do sistema leibniziano. Aristóteles (2002, p.292) apresenta em sua *Metafísica* quatro significados principais da substância: essência, universal, gênero e substrato. Leibniz retoma e desenvolve esta noção de substância no *Discurso de Metafísica*. Para uma leitura a respeito do conceito de substância confrontando ambos os filósofos, cf. Rovira (2005).

A ideia de simplicidade é empregada para complementar a concepção de substância. A palavra simples diz respeito a um conceito utilizado para denominar algo que carece de partes. Se um ser não tem partes, logo também não pode ser composto, uma vez que o composto é o agregado (*aggregatum*) de partes. Quando Leibniz diz que a mônada é uma substância simples, ele está tentando indicar que ela é sobretudo uma unidade que não é criada a partir da composição de outras substâncias (BROAD, 1975, p. 88). A mônada é simples porque não possui partes, e por isso não é passível a nenhum tipo de divisão, figura e extensão. No § 2 da *Monadologia*, Leibniz (2016, p. 39) afirma que “é preciso que haja substâncias simples, visto que há compostos. Efetivamente, o composto não é outra coisa senão uma amálgama (*amas*) ou *aggregatum* dos simples”.

É evidente que simples não se opõe ao composto. Justo pelo contrário, a substância simples é a condição necessária do composto. Por conseguinte, ela é o princípio da agregação. A simplicidade é concebida de um ponto de vista negativo, para indicar algo que carece de partes, e de um ponto de vista positivo, para afirmar que equivale à unidade (ROVIRA, 2005, p. 138). A ideia de simples, no contexto da filosofia leibniziana, é equivalente ao sentido literal da mônada: simples é uno, e uno é ser indivisível. Cada mônada individual é expressão de unidade, e o universo é composto por um número infinito desta unidade.

Nos dois primeiros parágrafos da *Monadologia*, a mônada é definida como substância simples. No parágrafo seguinte (§3), contudo, Leibniz (2016, p. 39) amplia esta ideia ao afirmar que “as mônadas são os verdadeiros átomos da natureza ou elementos das coisas”. O conceito de átomo dentro do léxico leibniziano não deve ser entendido como átomo material. Este átomo do qual se trata é um princípio formal. Então, há de se destacar que o átomo formal também não é oposto à ideia de mônada. O próprio significado do termo (não-cortável, indivisível) já caminha de acordo com a noção de substância simples apresentada acima. No *Novo Sistema da Natureza*, o filósofo afirma:

Só os átomos de substância, quer dizer, as unidades reais e absolutamente destituídas de partes, são as fontes das acções e os primeiros princípios absolutos da composição das coisas e como que os elementos últimos da análise das coisas substanciais. Poder-se-ia chamar-lhes pontos metafísicos; [...] os pontos físicos não são indivisíveis senão na aparência; os pontos matemáticos são exactos, mas não constituem senão modalidades; só os pontos metafísicos ou de substância (constituídos pelas formas ou almas) são

exactos e reais, e sem eles não haveria nada de real, pois sem as verdadeiras unidades não haveria nenhuma multidão (LEIBNIZ, 2016, p. 107-8).

Este trecho tanto reforça aquilo que tem sido visto até o momento, ou seja, que as mônadas são unidades destituídas de partes (são simples) e princípios absolutos do composto (são substâncias), como também acaba por ampliar esta noção ao afirmar que as mônadas são átomos formais ou *points métaphysiques*.

O entendimento de átomo formal em Leibniz se opõe à ideia de pontos matemáticos e átomos materiais¹³. O filósofo defende que por serem abstratos e irreais, os pontos matemáticos não podem ser o fundamento do real, assim como os átomos materiais em virtude de sua inércia e não diversidade também não podem ser princípio de fundamentação do universo. Para Leibniz (2016, p. 41), visto que na realidade nenhuma coisa é totalmente igual a outra e todo ser criado está em constante modificação, somente um átomo formal (substância simples) pode ser o elemento primordial da natureza, uma vez que é real, unificador do composto, elemento formal da matéria agregada e, por consequência, vida ativa. Ademais, diga-se que as mônadas enquanto fundamento do universo são microcosmos que compõem um macrocosmo. A mônada é vida, e tudo o que é composto pela mônada também é vida. O macrocosmo é um universo composto por infinitos átomos formais, princípios vivificadores.

Neste macrocosmo, há diversidade de unidades. Nada no real é perfeitamente igual. Por conseguinte, é também estabelecido que as mônadas diferem entre si, ou seja, que não há duas substâncias perfeitamente idênticas. Para Leibniz (2016, p. 40), “é necessário que as mônadas tenham algumas qualidades, caso contrário nem sequer seriam seres, se as substâncias simples não diferissem pelas suas qualidades, não haveria meio de se aperceber de nenhuma mudança nas coisas”.

O critério de diferenciação entre uma mônada e outra é posto por suas diferentes qualidades. Se este critério fosse estabelecido pela quantidade (*solo número*) ao invés da qualidade, seria impossível ver diferença entre duas ou mais mônadas, uma vez que em quantidade todas se expressam da mesma maneira (como unidade). Dessa forma, as mônadas acabariam por ser indiscerníveis. Para justificar esta concepção da discernibilidade por qualidade, Leibniz (2016, p. 41) diz que é “necessário que as

¹³ É em relação ao átomo de Demócrito e Gassendi que Leibniz se opõe. Para uma análise mais pontual em relação à temática do átomo em Leibniz, cf. WILSON (1982).

mônadas sejam diferentes, pois na natureza é impossível encontrar dois seres que sejam perfeitamente idênticos”. Isto significa que a própria experiência da natureza demonstra e valida o princípio da diversidade qualitativa das mônadas. Isto posto, cabe agora investigar quais são estas qualidades.

Força primitiva e representação

A análise do estatuto da mônada apresentou até aqui a noção de substância simples e átomo formal. Chegamos à formulação de que as mônadas são o verdadeiro fundamento da realidade. Esta, como é demonstrado pela experiência da natureza, é o âmbito da diversidade. Portanto, as mônadas devem ser naturalmente diferentes entre si. A diferença de uma mônada, contudo, não é atribuída por um critério de quantidade, mas sim, por um critério de qualidade. Na definição de substância e átomo, a mônada apresenta uma certa qualidade: a de ser unidade e princípio da unificação do múltiplo (composto). O ato de unificar, de fato, aponta para a realização de uma ação. A ação unificadora da mônada constituída como substância simples é uma força primitiva (*force primitive*), que é a própria possibilidade de existência do que não é simples, ou seja, do composto. De acordo com Heidegger (1996, p. 204), é necessário compreender o sentido correto da ação ou força da mônada. Este agir da mônada não é a ação realizada, mas é a capacidade ativa de agir ou de tender à ação. Se a ação da mônada fosse realização completa, após a sua concretização, a própria capacidade de agir entraria em um estado de repouso. Contudo, a ação da mônada deve ser entendida como uma ininterrupta pulsão.

A força da mônada é uma qualidade que produz como resultado a unificação. Esta sua ação de unificar o composto é a própria possibilidade da reunião entre unidade e multiplicidade dentro do sistema de Leibniz. Cada substância carrega em seu próprio ser este agir. A força primitiva é uma qualidade essencial de cada mônada (HEIDEGGER, 1996, p. 206).

A ação da mônada de unificar e dar origem ao composto aponta para um movimento interno. Quando a mônada age, acaba por alterar-se. A substância está em constante movimento. No mover-se, no entanto, ela continua sendo uma unidade, mas se diferencia das outras mônadas pela qualidade de sua ação. Leibniz (2016, p. 113), no §2 do *Princípios da Natureza e da Graça Fundados sobre a Razão*, defende que a

simplicidade da substância não impede o seu modificar-se. Suas mudanças encontram-se em conjunto na mesma substância. Na modificação reside a variedade e a diferença do composto.

Leibniz (2016, p. 40) ainda afirma no §7 da *Monadologia*, que é impossível buscar uma explicação externa à mônada para sua alteração ou mudança. De acordo com o filósofo, diferente do composto onde a mudança ocorre pela relação entre partes, a mônada concebida como substância simples e unidade privada de partes só pode encontrar o princípio de sua mudança em seu próprio interior. Um fator fundamental para a compreensão da mônada é entender que o filósofo a define como uma unidade fechada, encerrada em si mesma, ou seja, nas palavras do próprio Leibniz (2016, p. 40), ela “não possui janelas pelas quais alguma coisa possa entrar ou sair”. A modificação deve necessariamente derivar de um princípio interno, que é *primum constitutum* da unificação do composto.

A primeira qualidade da mônada é a unificação. Mas não só, Leibniz ainda adiciona uma segunda: a representação. Unir e representar são suas duas qualidades mais essenciais. A primeira qualidade é a de unificar a multiplicidade de substâncias e fundar o universo. A segunda é a de representar este universo.

A ação ou força representadora de uma mônada indica a existência de uma atividade psíquica da substância simples. Representar, neste contexto, não é outra coisa senão um perceber (*perceptio*). O perceber da mônada, segundo Leibniz (2016, p. 42), também “envolve e representa uma multidão na substância simples”. A representação de uma mônada ocorre na passagem de uma percepção à outra. O princípio que torna possível a passagem de percepções é apresentada por meio do termo apetição (*appetitus*). A apetição é a ação do princípio interno que opera a mudança de percepções e possibilita a passagem a novas percepções. Este princípio é o momento próprio e essencial da ação da mônada como força representadora. Neste sentido, percepção e apetição são determinações co-originárias da mônada (HEIDEGGER, 1996, p. 213).

O ato da percepção ainda deve ser distinguido da apercepção (ou consciência). Perceber é o ato psíquico de sintetizar uma multiplicidade de representações na unidade, mas de forma não consciente. Este ato é apenas uma forma simples de representar. A apercepção, por sua vez, é o ato psíquico de realizar a atividade da representação de um modo reflexivo, é a percepção acompanhada da atividade da consciência. Esta distinção

é fundamental dentro do sistema leibniziano, pois é dos graus de representação que o filósofo estabelece uma hierarquia entre as mônadas (COELHO, 1969, p. 135). A hierarquia das mônadas é estabelecida, portanto, pela capacidade mais ou menos elevada de realização do ato representativo. Isto posto, Leibniz apresenta a ideia de que é possível separar as mônadas em três graus distintos: mônada nua, alma e espírito.

As mônadas nuas ou comuns ocupam a posição mais baixa numa escala hierárquica. Esta é tipificada pelo fato de uma mônada realizar a percepção de maneira totalmente inconsciente, confusa e passiva. À mônada nua é impossível a distinção entre múltiplos estados de representação. Ela não possui memória e nem consciência, e, por isso, lhe é impossível realizar uma relação lógica entre um estado presente, passado e futuro. As substâncias ostensivamente corpóreas são as ditas mônadas comuns (BROAD, 1975, p. 101).

Em nível intermediário a mônada é definida como alma animal. A alma animal é aquela capaz de realizar a discriminação das características de um dado momento ou representação, aquilo que à mônada nua é impossível. Todavia, esta forma de representar ocorre apenas parcialmente, sendo limitada. Ainda não se trata aqui de uma apercepção propriamente dita. O que ocorre na alma animal é um ato de perceber que liga a experiência à memória. Isto significa que em uma alma animal a discriminação de sua representação acontece por assimilação e não por reflexão. É possível atribuir este grau da mônada à alma dos cachorros, gatos etc. (BROAD, 1975, p. 101).

O espírito ou alma racional é aquele que realiza o grau mais elevado da representação, por isso ocupa a posição mais alta na hierarquia das mônadas. Entre os três graus, o espírito é o único capaz de realizar a representação de forma consciente. Seu traço de racionalidade lhe possibilita ponderar uma ação a partir de uma reflexão sobre o passado, e por meio de seu estado presente deduzir seus futuros possíveis. Neste sentido, a atividade da memória no espírito é acompanhada da reflexão crítica, da racionalidade. Ele possui as mesmas qualidades da mônada nua e da alma animal, mas se distingue pelo ato da apercepção. A racionalidade do espírito lhe possibilita o conhecimento das verdades eternas, como leis da lógica e da matemática, e fazer inferências dedutivas e indutivas. Ademais, também tem conhecimento da possibilidade da existência de uma substância suprema e criadora de todas as outras substâncias, além de conseguir formular pensamento a respeito das categorias de ser, substância, simples e

composto, forma e matéria etc. O espírito é a única mônada que no ato da representação é capaz de pôr a pergunta por aquele que representa. Por meio da abstração de sua representação, produz a autoconsciência e se constitui enquanto um eu (*ego*). O espírito tem consciência de suas ações e põe para si as categorias de bem e mal e, por isso, é a única mônada capaz de adentrar no âmbito da moralidade. Os seres humanos são os detentores desta alma racional (BROAD, 1975, p. 101).

A hierarquia das mônadas coaduna o ato da representação com a noção de substância simples. A natureza da substância (comum, animal ou racional) determina as possibilidades e as características da representação de determinada mônada. Como observado acima, a unidade substancial que fundamenta a vida de um animal não racional é diferente da que fundamenta a vida de um ser racional. A mônada, de fato, fundamenta e distingue um ser de outro. E da noção bem fundada da natureza da substância é possível deduzir quais são seus predicados possíveis. Um cachorro, por exemplo, é substancialmente diferente de um humano, logo possui também predicados diferentes. Esta diferença está acompanhada da forma como ambos percebem o mundo em que vivem. Enquanto a percepção canina é orientada por uma memória associativa de vivências habituais, o humano tem consciência (apercepção) e entendimento de seus atos e de suas representações.

Substância suprema e a harmonia pré-estabelecida

As mônadas são substâncias simples e átomos formais. Elas são unas em si mesmas e o princípio de agregação do composto. Duas são as suas ações primordiais: unificação e representação. A unificação é a condição de possibilidade do múltiplo, enquanto a representação é a própria condição da individuação, ato pelo qual torna-se possível estabelecer um grau hierárquico entre as substâncias. O representar se efetiva como percepção ou apercepção. Os espíritos ou almas racionais se distinguem das mônadas nuas e das almas animais pela ação da percepção acompanhada de consciência (apercepção). De tudo o que foi construído até o momento, surge inevitavelmente um problema crucial dentro do sistema de Leibniz: como é possível que a representação de

uma única mônada corresponda corretamente à representação das demais? Dito de outro modo, como se realizada uma correta comunicação¹⁴ dos espíritos?

O problema da comunicação intermonadológica apresenta um grande desafio para a filosofia leibniziana. É preciso rememorar que a mônada é uma unidade fechada em si mesma, onde nada pode entrar ou sair. Consequentemente, ela não pode sofrer influência do externo. Dessa forma, uma substância simples não pode depender de outra substância simples para validar aquilo que representa. Para tratar desta questão é necessário recorrer ao §18 da Monadologia. Neste, Leibniz (2016, p. 44) afirma que as mônadas possuem certa perfeição e autonomia, e por estas duas características elas recebem o título de enteléquia¹⁵. Este conceito possibilita definir a mônada de uma maneira mais apropriada no que tange ao seu grau de perfeição (*ékhouisi tòentelés*) e suficiência (*autárkeia*). A enteléquia é uma qualidade inseparável de uma substância e torna uma determinada mônada dominante dentro de um agregado de outras mônadas. De acordo com Garber (2009, p. 195), a comunicação entre as mônadas não pode acontecer em um sentido de causa e efeito, onde uma mônada atua como a causa da correspondência correta da representação de uma outra mônada. Se assim fosse, elas jamais poderiam ser denominadas enteléquias, uma vez que não seriam genuinamente ativas e fontes de seu próprio agir. A questão crucial aqui é como conciliar a autossuficiência das mônadas com a objetividade de suas representações. A questão apresenta um labirinto que a filosofia leibniziana encontra dificuldades para sair. Como solução o filósofo busca escapatória em uma hipótese: a de que as mônadas são criadas em uma condição de harmonia. Isto posto, se faz mister formular a construção desta hipótese, começando por analisar como ocorre a criação das substâncias.

¹⁴ O problema leibniziano da comunicação das mônadas foi recepcionado na contemporaneidade por Edmund Husserl. Husserl (p. 91, 2019) fez uso no §33 da quarta das *Cartesianische Meditationen* do conceito leibniziano de mônada para fundamentar a noção fenomenológica do “*ego* tomado em sua plena concreção”. Ao retomar a ideia de mônada ele precisa também mediar uma solução para o problema da comunicação entre um *ego* e outro (comunicação intermonadológica). Uma possível solução é apresentada por Husserl ao longo de sua quinta meditação. Para uma aproximação entre Husserl e Leibniz, cf. Crístin (1990).

¹⁵ Este conceito é introduzido na filosofia por Aristóteles. A enteléquia é um dos conceitos que aproxima a filosofia de Leibniz da filosofia aristotélica. O estagirita utiliza o termo em sua *Metafísica* (2002, p. 421) para indicar que a enteléquia é a forma (alma) da matéria (corpo) e é dotada de perfeição. Posteriormente, Ermolao Barbaro (1454-1495) traduziu enteléquia pela expressão latina *perfecti habia*. A tradução de Ermolao compõe um curioso mito filosófico. Contava-se que a dificuldade de traduzir o conceito e seu significado foi tanta que o humanista italiano precisou invocar o próprio diabo para lhe ajudar. Leibniz faz menção a esta história no § 87 da *Teodiceia*. Para uma leitura sobre o conceito de enteléquia em Aristóteles e Leibniz, cf. Jove (2004).

No § 4 e § 5 da *Monadologia*, Leibniz (2016, p. 39-40) afirma não haver meios pelos quais naturalmente uma mônada pode começar ou perecer, visto que na natureza as coisas começam e se desfazem pela composição ou decomposição de suas partes. Esta asserção, no entanto, não torna inválida a possibilidade de criação de uma mônada, apenas exclui um modo específico. Se as substâncias são criadas, então não basta apenas investigar como ocorre a sua geração. É necessário também examinar o seu criador. Na *Teodiceia* (§ 7), Leibniz (2017, p. 137) diz ser preciso procurar a razão da existência da substância em uma substância que traz consigo mesma a razão de sua existência.

Somente Deus possui tal qualidade e pode ser considerado a razão suficiente de todo o universo. O Deus leibniziano é a substância suprema, já que é superior às outras substâncias. É o ser necessário, uma vez que é a fonte originária do universo. Também é por necessidade eterno, pois não pode ter limites e nem pode ser criado, caso contrário, não seria uma substância primeira. E é preciso que ele seja absolutamente perfeito, para se distinguir das outras substâncias, que são apenas parcialmente perfeitas. Deus é o único ser capaz de existir por si mesmo; as mônadas, porém, existem apenas em virtude da criação de Deus (LEIBNIZ, 2016, p. 49-50).

É no ato da criação das mônadas que reside o princípio da correta comunicação. No gerar, a substância suprema estrutura as substâncias simples para que suas representações sejam válidas objetivamente e correspondam com a realidade representada. A hipótese de Leibniz é que Deus, ao produzir cada uma das mônadas, as organiza estruturalmente de modo que suas representações sejam correspondentes. Ele utiliza o exemplo de um relojoeiro para ilustrar como ocorre este ato divino. Assim como um relojoeiro constrói seus relógios e os ajusta para marcarem corretamente o mesmo horário, Deus produz as mônadas e as ajusta de um modo que suas representações concordem reciprocamente. Por esse motivo as relações substanciais ocorrem de forma harmônica. De acordo com Rutherford (1995, p. 31), harmonia é um produto da unificação da variedade, e isto significa que independentemente de haver infinitas mônadas possíveis, a variedade das representações destas mônadas deve sempre ter concordância e validade objetiva. Ainda na interpretação de Rutherford (1995, p. 31), “harmonia é sempre uma propriedade de um sistema de coisas”. Para que

ocorra uma harmonia, de fato, as mônadas devem concordar entre si, coexistindo em uma determinada ordem.

Para que a harmonização das mônadas respeite a impenetrabilidade que estruturalmente lhes é atribuída, é necessário que ela seja estabelecida de forma prévia. A substância suprema não cria e depois harmoniza, ela já gera de forma harmônica. A coerência das representações é uma condição inerente à própria natureza das mônadas. Nas palavras de Heidegger (1996, p. 216), “todas as mônadas, como unidades de força, estão orientadas antecipadamente para a harmonia pré-estabelecida”. É evidente que Deus não é um agente externo que modifica as mônadas. Antes da geração, ainda não há mônada para que haja uma relação de exterioridade; após sua geração, nada lhe falta, pois, Deus a cria da melhor forma possível.

No sistema leibniziano a harmonia pré-estabelecida é a condição necessária da objetividade das representações. Cada mônada representa o universo de seu ponto de vista, mas sua representação se realiza de acordo com a representação e o ponto de vista das outras mônadas. As substâncias atuam em um ato contínuo de inter-representação. Todas as mônadas estão ligadas umas às outras. Enquanto substâncias simples que fundamentam a realidade, em suas relações (*rapports*), são como espelhos vivos que refletem¹⁶ a imagem do universo e do seu criador (LEIBNIZ, 2016, p. 54).

Considerações finais

O desenvolvimento do presente trabalho possibilitou identificar que o conceito de mônada foi introduzido no pensamento maduro de Leibniz, após o ano de 1696. Diga-se que ele foi utilizado para expressar a substancialidade da substância, o que implica em afirmar que mônada e substância são conceitos complementares que marcam o desenvolvimento de um sistema tipicamente *ousiologico* para a teorização de uma ciência das mônadas.

De modo conclusivo, afirmamos que pôr à prova a questão da constituição da mônada é sobretudo investigar o fundamento da realidade. Neste sentido, a filosofia de

¹⁶ É necessário citar que o refletir das mônadas em relação ao universo e a Deus ocorre de acordo com sua natureza e seu grau de perfeição. Assim sendo, é correto afirmar que os espíritos são mais semelhantes e refletem melhor a Deus do que o universo, uma vez que ocupam o nível mais elevado na hierarquia das mônadas. Por outro lado, as demais substâncias refletem primeiro o universo e depois o seu criador. Leibniz trata desta questão no *Discurso de Metafísica* (§§35-36) e na *Monadologia* (§83).

Leibniz apresentou esforço na tarefa de elaborar uma teorização acerca da compreensão do universo, seja em suas partes, seja em seu todo. Compreensão esta que passa necessariamente por exigências de sua época: unir uma razão autárquica tipicamente moderna à noção de um Deus que é herança da filosofia medieval escolástica. Por fim, pode-se se afirmar sem prejuízos que a construção do universo leibniziano é, com efeito, uma verdadeira tentativa de estabelecer um diálogo entre ciência e metafísica, cuja possibilidade se fez apenas mediante o uso dos conceitos de mônada e substância.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BROAD, Charlie. *Leibniz: an introduction*. New York: Cambridge University Press, 1975.

BRUCKER, Johann. *Historia Critica Philosophiae: a tempore resuscitarvm in occidente litterarvm ad nostra tempora*. Leipzig: C. Breitkopf, 1742-1744.

CAREIL, Foucher. de. *Nouvelles Lettes et Opuscles inédits de Leibniz*. Paris: Auguste Durand, 1847.

COELHO, Borges. *Leibniz*. Lisboa: Libros Horizonte, 1969.

CRÍSTIN, Renato. Phänomenologie und Monadologie. Husserl und Leibniz. *Studia Leibnitiana*, v. 22, n. 2, 1990.

DILTHEY, Wilhelm. *Leibniz e a sua época*. Coimbra: Armenio Amado, 1947.

FICHANT, Michel. Da Substância Individual à Mônada. *Analytica*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1-2, 2000.

GARBER, Daniel. *Leibniz: body, substance, monad*. New York: Oxford University Press, 2009.

HEIDEGGER, Martin. *Conferência e Escritos Filosóficos*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

HUSSERL, Edmund. *Meditações Cartesianas: uma introdução à fenomenologia*. São Paulo: Edipro, 2019.

- JOVE, Daniel. Aristóteles, Leibniz y la noción de entelequia. *Lógoi*, n. 7, 2004.
- LEIBNIZ, Wilhelm. *Discurso de Metafísica*. Lisboa: Edições 70, 1985.
- LEIBNIZ, Wilhelm. *Ensaio de Teodiceia: sobre a bondade de Deus, a liberdade do homem e a origem do mal*. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.
- LEIBNIZ, Wilhelm. *Monadologia*. Lisboa: Edições Colibri, 2016.
- LEIBNIZ, Wilhelm. *Novo Sistema da Natureza e da Comunicação das Substâncias, Bem como da União que há entre a Alma e o Corpo. Princípios da Natureza e da Graça Fundados sobre a Razão*. Coimbra: Instituto de Estudos Filosóficos (IEF), 2016.
- POSER, Hans. *Today's Leibniz: Monadologien Des 21. Jahrhunderts*. *Studia Leibnitiana*, v. 49, n. 2, 2017.
- ROSS, MacDonal. *Leibniz*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- ROVIRA, Rogelio. Qué es una Mônada? Una lección sobre lá ontología de Leibniz. *Anuario Filosófico*, Pamplona, v. XXXVIII, n. 1, 2005.
- RUSSELL, Bertrand. *Critical Exposition of the Philosophy of Leibniz*. London: George Allen & Unwin, 1971.
- RUTHERFORD, Donald. *Leibniz and the Rational Order of Nature*. New York: Cambridge University Press, 1995.
- WILSON, Catherine. Leibniz and Atomism. *Studies in History and Philosophy of Science*, v. 13, n. 3, 1982.